

Algumas considerações sobre a noção de vida como um ter-de-fazer-sempre-novamente, em João Cabral de Melo Neto

Marcelo DE MELLO RANGEL¹

Resumo:

Pretendo mostrar a proximidade entre a mundividência que habita a poética de João Cabral de Melo Neto, no poema Chuvas do Recife, e a poética de Martin Heidegger. Entendo que o poeta pernambucano possui uma compreensão ontológica do mundo, que diz que vida é um ter-de-fazer-sempre-novamente. João Cabral revela que o princípio de realidade que sustenta a vida é possibilidade para possibilidade, o que vale dizer, um conjunto de unidades de sentido que vida oferece, e que se põe à espera do ente homem, do dasein. 'À espera' significa à disposição para que homem possa vir-a-ser o que é mais propriamente, a saber, um des-fazedor de sentidos. Vida aparece, então, como um movimento imanente e gratuito que, num mesmo lance, des-realiza sentidos, oferecendo-necessitando ao homem que seja sempre um compositor obstinado de sentidos. Portanto, a perspectiva que proponho é a de evidenciar que a literatura de João Cabral aparece des-velando a verdade que sustenta a realidade, qual seja, que realidade é realização de real, poiesis, sendo todo o mais embotamento, libertando o homem para criação.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, Heidegger, ontologia.

A poética da vida em João Cabral de Melo Neto: da chuva e da casa

Comecemos com o poema de João Cabral de Melo Neto, que elegemos objeto de contemplação e saboreio – **Chuvas do Recife**.

Sei que a chuva não quebra osso,/ que há defesas contra seu soco./ Mas sob a chuva tropical/ me sinto ante o Juízo Final/ em que não creio mas me volta/ como o descreviam na escola:/ mesmo se ela cai sem trovão,/ demótica em sua expressão.

No Recife, se a chuva chove,/ a chuva é a desculpa mais nobre/ para não se ir, não se fazer,/ para trancar-se no não-ser./ Mais que em cordas é chuva em saberes/ que aprisiona o dia em grades:/ e mesmo quem tenha gazuas/ da grade viva, evita a rua.

A chuva nem sempre é polícia,/ fechando o mundo em grades frias:/ há certas chuvas aguaceiras/ que não caem em grades, linheiras:/ se chovem sem qualquer estilo, se chovem montanhas, sem ritos./ São chuvas que dão cheias, trombas,/ em vez de cadeias dão bombas.

Há no Recife uma outra chuva/ (embora rara), rala, miúda./ Não como a chuva da chuvada,/ que cai, agride, e é pedra de água,/ passa em peneiras esta chuva, não traz balas, não tranca ruas:/ mas faz também ficar em casa,/ quem pode, antevivendo o nada.

O poema de João Cabral de Melo Neto fala-nos da chuva que nos faz passivos, como num tribunal, ante o Juízo Final, pura esperança, desesperado pôr-se à espera mesmo antes do lançar-se. A chuva aparece como desculpa nobre, que isenta o homem da conquista daquilo que ele é,

imperativo da ode pindárica. Chuva que o homem antepõe como empecilho para a conquista de seu modo de ser, a saber, fazeção, fazeção que é conquista da possibilidade de possibilidade, modo de ser que é abertura para possibilidades que têm de ser perfeitas para conquistar abertura, dia após dia. Como resultado de tamanha passividade, ao invés da fazeção que faz possibilidade vir-a-ser criação, dá-se aguaceiro, lamairão.

Chuva é motivo nobre para que se busque o esconderijo diz o poema em tom de desalento, que diz ficar sempre em casa, ensimesmado, ficar em si, princípio de individuação. Motivo nobre “para não se ir, não se fazer”, porque põe em risco o acúmulo de auto-asseguramento do homem, de super-guarda, de super-proteção da existência, afinal, dão-se trovões, aguaceiras, inundações, rios e mares transbordam, vida aflora, des-realizando realidades, necessitando que o homem ponha-se novamente no modo de ser que ele é - fazeção. Transbordamento clamado e cem vezes agradecido pelos plantadores do Egito Antigo, felizes com a terra fértil, com a vida que se des-fazia sempre mais uma vez, oferecendo novamente a possibilidade de criação, neste caso agricultura.

Motivo nobre também porque metafísico, porque tem pretensa origem no “céu”, moradia de Deus e de seu séquito, voz que ralha com o homem e diz – ponha-se em seu lugar, em sua casa que é limite-deficiência, limite-deficiência que reclama por resignação e acomodação. Conformismo que significa a espera da esperança de se abandonar uma tal condição tão deplorável, fruto do pecado primordial – vontade de além, de um supra-mundo. “Trancar-se no não-ser”, quer dizer afastar-se do ser, que é ter-de-fazer-sempre-novamente, eterno-retorno da necessidade que diz homem, como implora Nietzsche. A casa em dias de chuva é a própria resignação, melhor dizendo, é sanha como disse Guimarães Rosa, grito angustiado que reclama por ser aquilo que sabe não poder ser de tanto já ter tentado e fracassado, aquilo que o poeta pernambucano chama de “não-ser”, e que podemos chamar de marasmo, passividade - apatia.

“Que aprisiona o dia em grades”, o que diz, que aparta o homem do tempo, logo do ter-de-fazer-sempre-novamente desde o que a vida oferece e necessita. Vida que é insistente necessidade de ter-de-re-fazer desde possibilidades oferecidas e necessitadas. Homem em casa em dia de chuva, diria o poeta, não é homem, é prisioneiro de abstrações, fantasias lógicas, quimeras imobilizadoras, encadeado, e ao invés de Sísifo - alegre carregador de pedras, como afirma Camus – Prometeu. “Chuva de saberes”, que pretende auto-asseguramento, que está fora do *tempo certo* oferecido e necessitado pelo dar-se espontâneo da vida. Saberes que entulham e embotam, e que não permitem ao homem ouvir a vida. Conhecer que perde seu sentido essencial, a saber, co-nascer, con-crescer, enfim, criar com a vida num sempre novamente diferente. Saberes que orientam como se um antes, um atrás, que faz o homem perder o tônus, a sintonia com a vida. Saber que não é abertura, que não é existência, mas sim falatório e repetição - categorias, conceitos -, que velam o ser da vida. Lembrando de Clarisse Lispector (Água-Viva), trata-se de um saber que já nasce derrotado em sua tentativa de apreender o *instante-já*, instante-já que diz vida, e que quando pensado *já-era* em passado, um pirilampo que insiste em aparecer desde luz e sombra. Que antes de ser dito, é – e que apenas por já-ser pode ser sentido e balbuciado tropegamente.

“Não-ser” que passa a ser meta, desejo compulsivo de ir para fora, para além da vida, como defendera Sileno, bem antes de certa tradição cristã. A “chuva quando chove” é a oportunidade mais nobre, também porque mantém as mãos do homem limpas, limpas do ter de abreviar a própria vida para voltar ao não-ser autêntico. Até para responder à volúpia e à desmesura de querer voltar ao dito incondicionado, o “homem” soluça, lança-se ao chão rangendo os dentes, como disse Nietzsche, não tem coragem de enfrentar a vida desde o que ela é, repito, possibilidade-necessidade de se construir sempre-novamente, não tem também, vale redizer, força para abreviá-la. A chuva em grades, em trombas, ou mesmo rala, exige prostração desse homem inconformado com a vida e seu princípio de realidade, atitude que acomoda o homem num simulacro agonizante de não-ser.

Homem em casa quando a chuva chove, o que diz, quando a vida transborda e se oferece, é homem embaixo do lençol, enterrado.

“Evita a rua”. Evita os caminhos livres, rodeados de entes que exigem o temido e odiado ter-de-fazer a cada instante seu, lembrando Heidegger. Chuvas que sem ser polícia, asseguram a boa ordem, a estabilidade, asseguram proteção contra a “perigosa” vida que é transformação e transvaloração constitutivos. “Em vez de cadeias”, de juízes e escolas e sanatórios e universidades e ... bombas, bombas que dizem explosão, destruição da abertura que realidade é, da possibilidade para possibilidade. Chuva-bomba como que lançada pelo incondicionado, pelo transcendente, que poupa ao homem preguiçoso a necessidade de se culpar, ainda mais uma vez, por mais uma atitude de lascívia, de *hybris*. Presente de Deus, ou de grego, se quisermos, àqueles que tudo fazem em seu nome, melhor dizendo, que esperam em seu nome, em nome da plenitude. Motivo nobre para continuar à espera, em casa, em si, para continuar desde a lógica formal encadeando a realidade, ferindo-a de morte. Bomba que também destrói os outros que estão fora da casa e do lençol, que estão vivos a jardinar, asfaltar, navegar, pescar, estudar, dialogar... vale lembrar, bombas que massificam, regimentalizam.

Bombas que acabam com jardins, com ruas, com mares, com vidas e transformam tudo o que há - em mesmo, unidimensionalidade. Mesmo aquela chuva que não é pedra, que cai sem agredir, oferece a necessidade de ter-de-fazer novos caminhos, novos pousos e estadias, por isso também mal vista. Até a fina chuva faz ficar em casa, tudo faz ficar em casa, quando o desejo-desmesura é casa, vontade de verdade que até faz chuva no sentido semântico. Ficam em casa especialmente aqueles que podem “anteviver o nada” diz o poeta jocoso, que podem ver e sentir o modo de ser vontade de potência-eterno-retorno que é a vida, modo de ser que diz, como já vimos, movimento. Irônico fala o poeta do medo daqueles que estão no temor do que está por vir, irônico pois nada se antevive. A casa, a cama é lugar de chegada e de permanência, mas não de passagem ou de partida, como deveria ser segundo Nietzsche ao comentar o afrouxamento, o sono necessário. Casa significa pavor e auto-asseguramento e não possibilidade de irrompimento, significa trampolim que lança o homem na corda que é a vida, a corda sobre a qual poucos têm coragem de lançar-se, pois correm um duplo risco. O risco-necessidade de chegarem atrasado, e também o risco construído por nossa civilização doente, risco de acabar estatelado no chão, como o equilibrista morto pela multidão no Zaratustra de Nietzsche.

A casa aparece como fim, fim que não deixa de ser também começo, para a infelicidade desse homem rebelado, infelicidade que o acompanha sempre quer ele queira, quer não. Homem embaixo do lençol como lugar de proteção contra o ter-de-fazer é quimera, tédio, angústia. Logo logo recebe a visita do demônio da vida que vem segredar o que vida é em sua essência mais basal – ter-de-fazer-semprer-novamente. Logo logo não há casa nem lençol, tudo é descampado tudo é solidão perfeita, possibilidade. Aí cabe ao homem correr de casa em casa, ou enfrentar com a astúcia de um verdadeiro criador o sopro do lobo que diz antes de tudo vida.

A vida como um ter-de-fazer-novamente em Heidegger: do ver

Aqui começaremos com um parágrafo de *Ser e Tempo*.

A de-cadência pertence à constituição ontológica da pre-sença. De início e na maior parte das vezes, a presença se perdeu em seu “mundo”. Enquanto projeto para as possibilidades de ser, a compreensão aí já se inseriu. Empenhar-se no impessoal significa o predomínio da interpretação pública. O que se descobre e se abre instala-se nos modos de deturpação e fechamento através do falatório, da curiosidade e da ambigüidade [...] Ao mesmo tempo, o que já se tinha descoberto

volta a afundar na deturpação e no velamento. *Em sua constituição ontológica, a pre-sença é e está na “não verdade” porque é, em sua essência, de-cadente.* (parágrafo 44, p. 290)

A presença é cadência, segundo Heidegger, caminha de acordo com o ritmo de um mundo determinado, de unidades de sentido sempre-já oferecidas, acompanhada de outros entes como ela (a presença) e entes simplesmente dados. A presença é lançada num horizonte que diz situação e, desde ele, a presença está na possibilidade-necessidade de ser aquilo que ela é em sua essência mais basal, a saber, um ter-de-fazer sempre novamente como seu, o que significa, herdar e percorrer, perfazer novamente a cada momento. Portanto, temos uma primeira conquista que é apenas uma de algumas outras a que pretendemos chegar, qual seja, a presença é e está na verdade, no ser. A presença está na verdade porque seu princípio de realização é um sempre-já desde o ser, desde possibilidades oferecidas e necessitadas pelo ser, e a presença é verdade porque sempre que perfaz caminhos leva adiante o próprio ser, quer dizer, a própria verdade, ou ainda, as unidades de sentido sempre-já oferecidas pela verdade.

Assim, não existe um sair da verdade, nos encontramos sempre-já desde a verdade, desde unidades de sentido (ser), bem como, sempre que nos movimentamos no sentido de fazer vir-a-ser o que é mais próprio da presença, o seu modo de ser, estamos poetando, ou seja, construindo, juntando (fazendo) desde o que sempre-já nos foi oferecido pela verdade, pelo ser. A verdade dá cadência à presença, que é e está, por sua vez, na abertura de unidades de sentido, que são possibilidades.

Ao homem (presença) cabe auscultar e cuidar das possibilidades oferecidas pela verdade, para que então possa levar a cabo o que ele é mais propriamente, a saber, fazeção ininterrupta. Cabe-lhe **ver**.

Todavia, e aqui começamos a explorar as palavras de Heidegger citadas acima, o homem pode se desviar da verdade, num enveredar-se cego, não-vendo. Desvia-se sempre-já, pois a cotidianidade, o tão-somente fazer sem se perguntar sobre o feito, pertence à verdade; esquecer e afrouxar pertencem à verdade – esta é a *de-cadência* que o homem saboreia por possibilidade-necessidade. Mas acontece de desviar-se desde cegueira, emplasto, por volúpia e desespero, por mimo, fechando os olhos para as unidades de sentido oferecidas sempre-novamente e no tempo certo pela verdade, pelo ser, pela vida. É nesse momento que o homem saboreia *de-cadência* num sentido que proponho, aqui, ser de rebeldia, não aceita o que vê, afasta-se do que é e do que pode-deve vir-a-ser mais propriamente – conquista, realização de abertura, da possibilidade de possibilidade, de unidades de sentido, isolando-se numa espécie de fazeção-imbróglio.

Decadência que deixa de ser experimentação da cotidianidade no tempo certo, do desviar-se no tempo certo, desde a ausculta apropriada da vida, das possibilidades oferecidas-necessitadas. Passando a ser um perder-se descompassado e maníaco na cotidianidade, uma espécie de exílio.

Falamos, então, de duas possibilidades de decadência, uma em sintonia com a vida, a outra em descompasso. Ambas, devo lembrar, possibilidades, unidades de sentido que a verdade – a vida – oferece.

Pois bem, falemos da decadência como descompasso cego. Faz parte da presença querer esquecer e não afirmar sua condição mais basal, a saber, fazeção ininterrupta. Assim, o homem desde a vida afasta-se da vida. Tranca-se em sua casa, e corre para debaixo do lençol rangendo os dentes, pois tem preguiça de fazer sempre-novamente. Casa aqui diz lança-se de cabeça na cotidianidade desmedida, anacrônica, fora de tempo, de sentido, de tónus. Aqui temos uma segunda

conquista, qual seja, por um lado podemos e devemos afirmar que “perder-se em seu mundo” é comum, acontece “na maior parte das vezes” ao homem, com Heidegger. Prostração, moleza e afrouxamento necessariamente tomam o homem, todavia, assim que lembra de sua condição fundamental, por vezes cai em sanha, em ira, vem a cegueira, afirma Nietzsche, desesperando-se contra o que é mais próprio à sua existência, lançando um olhar invejoso em direção ao animal, justo aquele que esquece sempre o que fez, e que não vê pela frente um ter-de-fazer-sempre-novamente, animal que vive desde outro modo de ser.

“Empenhasse no impessoal”, na dita segurança do que já foi dito, do que já foi feito pelos outros, por ele mesmo. Assim, o homem responde à sua sina de construir realidade e ver realidade, des-realizar-se, fica em casa, lança-se maníaco em desalinho ao aparecimento da vida enquanto oferecimento, transbordamento. Protege-se da chuva, das realidades, inautêntico, não faz vida vir-a-ser o que ela é mais propriamente. Se é próprio do homem “afundar na deturpação e no velamento”, na preguiça, logo logo essa propriedade pode transmutar-se em cego investimento no impessoal. Cabe ao homem, porém, todo o oposto, suspeitar, perceber e sustentar que é também o bobo de opiniões e fazeções alheias, para me utilizar de Nietzsche na *II Consideração Intempestiva*. Ou mesmo, como afirma Gilvan Fogel, cabe ao homem insistência no seu modo de ser mais próprio, aliás, só enquanto insiste nesse sentido, no único sentido que há, o homem é vida... “O homem é espírito, é vida, enquanto ele é o ente que está na **insistente** recordação do puro singelo, que se abriu, que rebentou-se para ele” (FOGEL, 1998, p. 109, grifo próprio)

O homem de-cai numa espécie de cotidianidade perene (casa em tempos de chuva, chuva que não acaba!), como o animal tão invejado, num fazer desmedido que não ausculta a vida, a verdade, as unidades de sentido que estão aparecendo, sendo oferecidas e necessitadas – é sempre camelo, ou sempre leão, ou sempre criança, alusão ao Zaratustra de Nietzsche. É acometido pelo tédio, e logo pela angústia, que vêm visitá-lo segredando em seus ouvidos o que a vida é mais basalmente, desespera, esconde-se ainda mais na cotidianidade, guardando-se para um supra-lugar, para o além-mundo, lugar que seria pura estabilidade, ou mesmo, lança-se contra a vida e contra os outros homens re-agindo justo ao que não pode ser mudado – fazeção. Ressentido, destrói sentidos e homens. Talvez também seja preciso temer, como disseram Hans Jonas, Hannah Arendt, Lévinas, entre outros.

E aqui chegamos a terceira e última conquista deste trabalho, a saber, segundo as próprias palavras de Heidegger, a necessidade de “tomar posse” da vida, do que ela é em sua profundidade, qual seja, um pro-fundo que exige fazeção. Um “tomar posse do que se descobriu *contra* a aparência e a distorção e sempre se **reassegurar** da descoberta”. (Heidegger, 1988, p. 291, grifo próprio). Reassegurar é pudor, vergonha que lembra ao homem que sua existência é finitude e poder-necessidade de fazeção, lembrando-o da necessidade de superar a sedução da languidez, da preguiça, aliás, preguiça que é um dos sete pecados capitais. Ainda citando Gilvan Fogel – “Assim, no pudor, vida é guarda da via resguardando-se, em atenção de superação da sedução, do desvio, da consolidação do extravio. É assim que ela é luta de reconquista do caminho, ou melhor, do caminhar que é ela própria” (FOGEL, 1998, p. 122).

“Reassegurar a descoberta” do que a vida do homem é mais propriamente, do seu modo de ser, é assegurar um resquício qualquer de lembrança que permita continuar na possibilidade, na necessidade da cotidianidade, da *de-cadência*, todavia, que o seja já desde um salto, desde o lado de lá da ponte lembrada por Zaratustra. Na cotidianidade, como o próprio Zaratustra, aliás, ele mesmo um aleijado em meio à ponte, mas também a ponte, também a flecha que anuncia e faz um novo tempo. Novo tempo no qual o homem ao invés de esconder-se, voluptuoso, na cotidianidade, pode-deve perfazer cotidianidade desde atenção e cuidado em relação ao ser, que envia as unidades de sentido, bem como as desrealiza, torna-as fora de lugar, de tempo – passado, um “já era”, para

continuarmos lembrando Nietzsche. Trata-se de um afastar-se, em algum momento, da fazeção diária, da cotidianidade, e ver desde um já ver reasegurado constantemente, para imergir novamente na cotidianidade, agora, depois de tal exercício, em tempo certo. Em tempo certo não há organização prévia, não há o que ser feito antes do aparecimento das possibilidades. Há liberdade para co-nascer e para con-crescer. Em tempo certo não há arrependimento nem insatisfação, não há tempo para rebelião e ressentimento, não se matam os outros por descontentamento com aquilo que a existência é em sua mais radical essência.

Conclusão

Parece que cabe ao homem esforçar-se, exercitar-se, no sentido de re-assegurar a visão, a lembrança do que ele é mais propriamente, fazeção ininterrupta. Este ver é como uma fortaleza, que longe de “salvá-lo” da cotidianidade, do ter-de-fazer-sempre-novamente desde unidades de sentido, garante a ele a possibilidade de continuar a viver na sua sina que é a própria cotidianidade, mas respeitando o tempo da vida, fornecedora de possibilidades e possibilidades... Ver e compreender que fazeção é tudo o que há e que o comando para tal modo de ser advém da vida, torna desnecessário domesticar o mundo, transformá-lo num campo de batalhas, num matadouro, no qual o homem luta, dá a sua vida, em nome de uma causa que é desmedida, voluptuosidade, descompostura, impossibilidade, exato supérfluo, para lembrarmos do Nietzsche em sua *II Consideração Intempestiva* – luta que muitas vezes nem é sua, é deles, dos outros (do impessoal). Torna-se desnecessário, dessintonia, fora de propósito, fantasmagoria ficar enterrado embaixo de um lençol em casa, sempre à espera da sempre-chuva passar, espécie de cotidianidade perene, caduca, de olhos fechados como que com medo de fantasmas, segundo João Cabral. Como afirma Nietzsche, um dos imperativos da vida é que o homem, logo cedo, deixe de ser criança, e passe a lembrar, a ver.

Referências Bibliográficas

- [1] CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- [2] FOGEL, Gilvan. A determinação do espírito de vingança; A articulação da pergunta nietzschiana por verdade e conhecimento. In: *Uma história da filosofia: verdade, conhecimento e poder*, vol. IV: As concepções revolucionárias do homem e do mundo. Rio de Janeiro: Univerta/UFRJ, 1990.
- [3] _____. A propósito de um poema de João Cabral de Melo Neto. In: *Revista Filosófica Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, vol. 1, nº 2, dezembro de 1985.
- [4] _____. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.
- [5] _____. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- [6] HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo – Parte I*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.
- [7] KIERKEGAARD, Sören. *Tratado do desespero*. Trad. de José Xavier de Melo Carneiro. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.
- [8] LEÃO, Emmanuel Carneiro. O cânone da felicidade. In: *Revista Tempo Brasileiro – Aporias do cânone*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1997.

- [9] NETO, João Cabral de Melo. *A escola das facas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.
- [10] NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.
- [11] _____. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- [12] NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1974. (Coleção Poetas Modernos do Brasil – 1)
- [13] SANTORO, Fernando. *Poesia e verdade*: interpretação do problema do realismo a partir de Aristóteles. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

¹ **Marcelo DE MELLO RANGEL, Doutorando**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
Departamento de História
mmellorangel@yahoo.com.br